

## UMA REVISÃO DE FACE APLICADA A UM ESTUDO DE CASO

**Roberta Fernandes Pacheco** é professora adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), atuando no ensino de Língua Espanhola e na pesquisa com o projeto intitulado “Trabalhos de Face em situações de conflito: um estudo contrastivo entre o Português e o Espanhol”. Doutora em Linguística pela UFJF. E-mail: [roberta.pacheco@ufjf.edu.br](mailto:roberta.pacheco@ufjf.edu.br)

### Resumo

Este trabalho apresenta uma revisão teórica sobre o conceito de Face, sob a perspectiva interacional da Sociolinguística e da Pragmática, aplicando-o a um estudo de caso: uma entrevista, no ano de 2010, com o ex-ministro José Dirceu no programa *Roda Viva*, transmitido pela TV Cultura de São Paulo.

### Resumen

Este trabajo presenta un repaso teórico sobre el concepto de Imagen, bajo la perspectiva interaccional de la Sociolingüística y de la Pragmática, aplicándolo a un estudio de caso: una entrevista, en el año 2010, con el ex ministro José Dirceu en el programa *Roda Viva*, propagado por la TV Cultura de São Paulo.

Um dos conceitos de face, sem dúvida, mais discutido e abordado nos estudos interacionais vem do trabalho de Goffman ([1955] 1980), acerca da natureza e forma de organização da interação social, em que face é definida como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (GOFFMAN, 1980, p.76-77). Linha, por sua vez, corresponde ao padrão de atos verbais e não-verbais que uma pessoa adota durante uma interação, expressando, assim, a avaliação que faz da situação em que se encontra engajada, dos demais participantes e, especialmente, de si mesma.

Na definição de Goffman, face é uma imagem social construída no fluxo dos eventos interacionais, podendo o indivíduo reivindicar diferentes faces, dependendo da situação, em um único contato específico. Além disso, a face depende da aceitação dos outros, pois é um construto social, um empréstimo feito pela sociedade ao indivíduo e que poderá ser-lhe retirada caso ele não se comporte de modo a merecê-la (GOFFMAN, 1967, p.10). Como Locher (2004) enfatiza, há um aspecto externalizado na visão de face de Goffman, que a considera “algo externo, que uma pessoa cria junto com seu ambiente” (LOCHER, 2004, p.52).

A origem do conceito de face em Goffman ([1955] 1980) remete ao estudo feito por Hu (1944) na sociedade chinesa, em que, baseado em um julgamento de conduta, face revela dois conjuntos de critérios, pelos quais prestígio é adquirido e status é garantido ou melhorado. Face, então, seria o conjunto de *mien-tzu*, que representa a reputação alcançada através do sucesso e da ostentação, e a *lien*, representando a confiança da sociedade na integridade do caráter moral do self. A perda da *lien* impede o indivíduo de funcionar adequadamente dentro da sociedade; é uma sanção social para impor padrões morais e ao mesmo tempo uma sanção internalizada.

Ao contrário da *lien*, a *mien-tzu* tem um caráter meritocrático e pode ser aumentada no decorrer da vida do indivíduo a partir da conduta do esforço pessoal. Como prestígio, este reconhecimento do self é dependente do ambiente externo, ou seja, é um reconhecimento pessoal, porém atribuído pela sociedade. Reivindicar *mien-tzu* é reclamar para si o mérito e o prestígio a que tem direito, devido a sua conquista pessoal e sua reputação social.

Essa visão de face, definida como prestígio alcançado através da conduta do esforço pessoal, é exemplificada no corpus deste trabalho, já que o entrevistado José Dirceu reivindica face com base no mérito profissional que julga ter alcançado. A citação de seus papéis desempenhados na vida pública, apresentado no excerto abaixo, é uma tentativa de manter a sua face em um momento político que antecede seu julgamento no processo do “Mensalão”, ou seja, um momento nada muito favorável ao entrevistado, já que ele era acusado de formação de quadrilha como o “chefe do Mensalão”. Como este reconhecimento de prestígio do self é dado pela sociedade, Dirceu precisa aumentar sua face para restaurar sua imagem pública perdida. Note como os turnos do entrevistado são compostos basicamente de apresentação de self, baseada em seus papéis desempenhados ao longo de sua carreira política, em um caráter meritocrático da face. Os turnos de Dirceu são decorrentes do turno da entrevistadora Marília Gabriela, que o posiciona para a audiência e em seguida realiza as primeiras perguntas da entrevista:

- 01 Marília boa noite! no centro do roda viva de hoje claro a eleição  
02 Gabriela de dilma rousseff a presidência da república. .hh  
((apresentação de Dilma Rousseff))  
05 trouxemos esta noite ao programa um de seus  
06 → grandes eleitores (0.2)  
07 → o ex ministro da casa civil de lula jose dirceu .hh  
08 → ele participou da campanha de dilma agindo nos bastidores sem  
09 aparecer muito, mas fazendo mui::to barulho quando aparecia  
((jose dirceu levanta as sombrancelhas))  
10 → dirceu continua sendo uma grande influência no pt e está  
11 aqui para analisar a vitória pra falar do futuro e pra dizer  
12 qual será seu papel no governo dilma (0.2)  
((apresentação dos entrevistadores))
- 39 Marília OH nao adiantou na::da, estamos aí mais quatro anos (0.2)  
40 Gabriela dois meses atrás você disse essa frase num discurso,  
41 na bahia (0.2) e hoje você pode repeti-la quantas vezes  
42 quiser, porque ela virou verdade, ne? o pt ta ai pra (0.2) mais quatro  
43 anos. e ontem, ao sair da cabine eleitoral, você declarou <não devo  
44 (0.2) não posso (0.2) e não quero ter cargo>  
45 no governo dilma (0.5) a minha pergunta é a seguinte,  
46 você ta gostando da sombra ze dirceu?,  
47 eu quero dizer, você prefere ser influyente mas sem cargo?,  
48 e como é que você vai nos convencer de que você  
49 não vai participar mes::mo do governo dilma?
- 50 José .hh não, eu não atuo nem nos bastidores, nem nas sombras,  
51 Dirceu eu atuo abertamente e publicamente no país, aliás, sempre o fiz, eu fui  
52 → eleito a primeira vez presidente do centro acadêmico  
53 nas ruas, com repressão bomba de gás lacrimogêneo cacetete,  
54 cavalaria, patas de cavalaria, e depois de novo >presidente< da ue,  
55 → (0.2) da >mesma maneira< e fui eleito deputado estadual, >três vezes  
56 → federal fui candidato a governador<,  
57 → fui ministro de estados, sempre publicamente. cassado pela câmara,

- 58 <sem provas>. (0.2)  
 59 → eu voltei a vida política como militante do pt, como cidadão  
 60 [eu tenho um blog-]
- 61 Marília [mas na campanha] da dilma, você [tava::]  
 Gabriela  
 62 José [eu atuei] como membro da  
 63 → Dirceu direção nacional eu sou membro da direção nacional do pt  
 64 e atuei como tal. eu não era membro da coordenação mas  
 65 como membro da direção eu percorri o país (0.2) .hh  
 66 defendi o nome dela desde fevereiro de dois mil e oito (0.2)  
 67 e nove perdão. percorri o país, trabalhei pras alianças,  
 68 principalmente com o pmdb, com o >psb, pc do b e pdt<,  
 69 pelos palanques estaduais, que lhe deram a vitória, °muitos deles°  
 70 foram fundamentais. e trabalhei também pra construir os discursos, as  
 71 → propostas, porque sou. militante do pt,  
 72 → sou dirigente do pt, e no pt fiz esse trabalho. não tenho participação  
 73 (0.2) direta na coordenação e não terei no governo. (0.2) como eu disse  
 74 e quero repetir (0.2)  
 75 >não devo não quero e não posso< eu tenho primeiro que (0.2)  
 76 → >prestar contas a justiça< já que eu estou sendo acusado no supremo  
 77 tribunal federal, de chefe de quadrilha  
 78 → e de corrupção, não é pouca coisa. (0.2)  
 79 → como eu sou inocente (0.5)  
 ((Dirceu aponta para si, corroborando a fala de inocente))  
 80 e nesses anos todos (0.2) todas as investigações inquéritos processos  
 81 cpis que eu respondi eu fui absolvido inclusive na justiça, federal já fui  
 82 absolvido duas vezes (0.2)

No excerto acima, notamos que a ameaça à face de Dirceu ocorre já no início da entrevista quando Marília Gabriela o apresenta como alguém que atua “nos bastidores” (l. 8) e “nas sombras” (l. 46). Tal ameaça é reconhecida pelo entrevistado que na busca por manter sua face, refuta esses atributos nas linhas 50 e 51 “eu não atuo nem nos bastidores nem nas sombras. Eu atuo abertamente e publicamente no país, aliás sempre o fiz”. Ele refuta esse posicionamento porque o considera de valor negativo, pois atuar nos bastidores e nas sombras passa uma ideia de ilegalidade, atuar às escondidas. Dessa forma, ele justifica a negação desses atributos na sequência dos turnos, destacando seu histórico de vida política.

Manter a face, perdê-la ou salvá-la envolvem processos elaborados de trabalhos de face, que, de acordo com Goffman ([1955] 1980), são ações realizadas pelos interagentes para tornar o que quer que estejam fazendo consistente com a face que está sendo reivindicada num dado momento (GOFFMAN, 1967, p.5). Para Dirceu, apresentar seu histórico político é uma forma de manter face diante de uma potencial perda de face, ameaçada pela entrevistadora quando o enquadra como um político atuando às escondidas.

Goffman ([1955] 1980; 1967) defende a existência de duas principais orientações de trabalhos de face: orientação protetora e defensiva da face. Mediante a orientação protetora, o indivíduo procura salvar a face dos outros, porém tal ação deve ser feita de

uma forma que não leve à perda da sua própria face. Na orientação defensiva, o indivíduo busca salvar sua própria face, o que também deve ser feito com cuidado, pois é importante considerar a perda da face que esta ação pode acarretar nos outros. É a metáfora da balança, em que o equilíbrio entre os pesos é fundamental para que ela se mantenha. Na interação, salvar a sua face sem que leve à perda da face do outro exige um esforço entre os participantes envolvidos para manter o equilíbrio do encontro.

Sendo assim, as interações humanas nessa perspectiva seriam então orientadas e regulamentadas por uma preocupação que os interlocutores têm com suas faces e com as faces dos outros. Haveria, contudo, situações em que o indivíduo, por escolha de uma linha inadequada ou pela introdução de elementos alheios à sua vontade, se veria fora de face ou na face errada, situações estas que produziriam, por sua vez, sentimentos de embaraço, vergonha, inferioridade, confusão (GOFFMAN, 1980, p.79). Estas são algumas das situações que Goffman enquadra como envolvendo ameaças à face, e que dão origem a uma sequência de atos reparadores, que visariam salvar a face do indivíduo.

Os atos reparadores a uma possível ameaça à face tiveram um espaço de relevância nos estudos da teoria da polidez de Brown e Levinson ([1978] 1987). Os autores se basearam no conceito de face de Goffman para construir uma teoria em que as estratégias de polidez são utilizadas como reparadoras desses atos. No entanto, a definição de face dos autores tem o foco nos desejos do indivíduo, o que não ocorre na definição de Goffman. A face então seria “a imagem pública que cada membro [de uma dada sociedade] quer reivindicar para si” (BROWN e LEVINSON, [1978] 1987, p.61). Dessa forma, o indivíduo tem duas necessidades básicas de face: o desejo de ser aprovado pelo outro – face positiva – e o desejo de não sofrer imposição em suas ações – face negativa.

Como discute Bousfield (2008), citando Locher (2004) e O’Driscoll (1996), nessa definição de Brown e Levinson ([1978] 1987), a face não é ameaçada em termos de norma ou valores sociais, como em Goffman ([1955] 1980), e sim em relação a uma necessidade básica do indivíduo, ou seja, os processos que envolvem a face – sua perda, salvamento ou ameaças – giram em torno de desejos individuais, necessidades internas do indivíduo, e que seriam pré-existentes à interação. A face seria um princípio internamente gerado e individualista, enquanto para Goffman, a face é uma imagem reivindicada socialmente e concedida a partir do exterior, na relação com o outro.

Essa discussão entre o aspecto internalizado e externalizado da face vem ocupando espaço nas teorias atuais, principalmente no que concerne aos estudos da polidez/impolidez. Terkourafi (2008), por exemplo, rejeita o aspecto internalizado da face, defendendo que a face é constituída ou ameaçada puramente na interação: “sem um Outro para estar direcionada, a preocupação com a face não pode emergir” (op. cit., p.52). Como Bousfield destaca:

estamos nos afastando de uma visão de face clássica (Brown e Levinson) estática, pré-existente, que é ameaçada, danificada, reparada ou enaltecida e que é internamente gerada e projetada pelo indivíduo no espaço interacional entre os participantes, para

uma consideração de face mais fluida, em que o conceito é dinâmico e móvel, e é criada, fortalecida ou enfraquecida na (frequentemente estendida) interação.  
(BOUSFIELD, 2008, p.39)

Com “estamos”, Bousfield (2008, p.39) se inclui nessa discussão em que se reconsidera utilizar como ponto de partida a noção de face de Goffman em vez de a de Brown e Levinson, principalmente quanto ao aspecto de “propriedade pública” (KEDT, 1998), ou seja, como algo realizado na interação e dependente dos outros. O autor, no entanto, não comunga totalmente da posição de Terkourafi (2008), de que a face é somente negociada no encontro social, uma vez que não concorda que o interagente “não traz *alguma coisa* a respeito de suas próprias faces para a interação. Certamente nós abordamos a interação com *expectativas* de como gostaríamos que nossas faces fossem constituídas” (BOUSFIELD, 2008, p.39). Como essas expectativas são organizadas internamente, Bousfield (op.cit.) considera que a face também possui um aspecto interno, além do externo que é elaborado no processo interacional. Portanto, a definição de face do autor engloba os dois aspectos, sendo face “esperada individualmente (internamente, cognitivamente, historicamente) pelo self, mas constituída interacionalmente (externamente, mutuamente, continuamente) entre o self e o outro” (BOUSFIELD, 2008, p.42).

Spencer-Oatey (2007, 2009) compartilha também dessa visão cognitiva e interacional da face. No entanto, sua abordagem parte de uma perspectiva identitária, na qual os atributos da representação do self que emergem no encontro são considerados cruciais para o estudo interacional da face.

A autora argumenta que apesar de muitos autores (LIM, 1994; ARUNDALE, 2005) colocarem em lados opostos os conceitos de identidade e face, considerando que a primeira é de natureza individual e a segunda um fenômeno relacional, ambas podem estar mais interligadas no processo interacional do que se tem acreditado até então.

Spencer-Oatey (2007, p.644) propõe que, em termos cognitivos, face e identidade são similares já que ambas remetem para a noção de autoimagem (incluindo interpretações do self individual, relacional e coletivo) e sustentam múltiplos aspectos do self ou atributos. No entanto, face só é associada a atributos que são afetivamente sensíveis para o requerente. Por isso que, segundo a autora, a face é associada a atributos avaliados positivamente que o requerente quer que os outros reconheçam (explicitamente ou implicitamente) e a atributos avaliados negativamente que o requerente não quer que os outros atribuam a ele. Dessa forma, a autora relaciona face a uma “sensibilidade afetiva” (op. cit.) que o indivíduo possui e que o leva a reivindicar face a partir do que ele considera como um atributo social aprovado. A sensibilidade afetiva, então, como um aspecto da face, a torna um fenômeno vulnerável e associado a reações emocionais, geradas por valores afetivos culturais e socialmente aprovados.

Spencer-Oatey (2007, p.643-644) ainda propõe que esses atributos afetivamente sensíveis variarão dinamicamente na interação, e nem sempre de acordo com o que é socialmente sancionado – ou não-sancionado, no caso dos traços avaliados negativamente. De fato, é possível que as pessoas escolham contestar um ou mais

atributos aprovados, e reivindicar outros atributos que são mais importantes para eles em um contexto particular. Além disso, interacionalmente, a ameaça, a perda e/ou o ganho de face só serão percebidos quando houver uma incompatibilidade entre um atributo reivindicado – ou negado, no caso dos traços avaliados negativamente – e um atributo percebido como sendo atribuído pelo outro.

O exemplo a seguir, apresentado em Spencer-Oatey (2007), demonstra a importância de considerar a variedade dos diferentes atributos que podem se tornar sensíveis à face em um encontro particular:

Uma senhora britânica, em torno dos seus 50 anos, ajudou a um jovem estudante húngaro com dificuldades na língua inglesa a encontrar o caminho certo para pegar o trem em Londres, em direção ao aeroporto de Luton. Ao chegar o trem, a seguinte interação tomou lugar:

Estudante húngaro: *Muito obrigado. Você é uma senhora idosa muito amável.*

Senhora britânica: *Não tem problema. Eu ia pegar este trem de qualquer maneira.* (SPENCER-OATEY, 2007, p.645).

Neste exemplo, Spencer-Oatey (op.cit.) retrata uma experiência pessoal, na qual a senhora britânica – a própria autora – ao ajudar um jovem estrangeiro, recebe de agradecimento um elogio: *Você é uma senhora idosa muito amável.* Contudo, Spencer-Oatey, apesar de responder gentilmente ao jovem, não reconhece esta elocução como um elogio de fato, pelo menos não em sua totalidade, já que o atributo *senhora idosa* não funciona para ela como um elogio, pois Spencer-Oatey se vê como uma mulher de meia idade e não idosa: “Eu estava agradecida porque ele me avaliou como muito amável, e isso manteve ou até intensificou minha face; por outro lado, eu me considero na ‘meia-idade’ e não ‘velha’, e então isto ameaçou minha face” (op. cit.).

Nota-se como, no exemplo e na justificativa da autora, o atributo pessoal reivindicado por ela não é o mesmo atribuído por seu interlocutor e é exatamente essa oposição entre o que é reivindicado e o que é atribuído que gera a ameaça à face, em seu julgamento avaliativo em relação a essas qualidades (valor positivo para amabilidade; valor negativo para velhice). Para Spencer-Oatey (2007, 2009) a ameaça à face é percebida quando há incompatibilidade entre o atributo reivindicado – mulher de meia idade – e o atributo dado – senhora idosa. Já o atributo *muito amável* dado pelo jovem é avaliado pela autora sem ser ameaçador a sua face, uma vez que é percebido afetivamente como um elogio, um atributo positivo “que o requerente quer que os outros reconheçam” (Spencer-Oatey, 2007, p.644). Além disso, é um atributo também reivindicado por ela na interação, sendo então avaliado como um aumento de face.

Na entrevista, que compõe o corpus deste artigo, também há exemplos em que a incompatibilidade entre o atributo dado e o reivindicado gera uma ameaça à face que é percebida pelos participantes envolvidos na interação. O excerto abaixo se inicia em um momento da entrevista em que se discute a política externa do governo Lula e as possíveis falhas nestes acordos internacionais, como a proximidade com o Irã, com Cuba e a questão dos presos políticos. José Dirceu, o entrevistado, defende o governo em relação a essas relações vistas como problemáticas, enquanto os entrevistadores



contestam essa defesa, até o momento em que José Dirceu assume que de fato é “amigo de cuba” – linha 252 –, o que não significa que concorde com tudo o que Cuba decide politicamente – linhas 255 e 256. A exemplificação abaixo parte exatamente deste ponto, em que participam os entrevistadores Marília Gabriela e Paulo Moreira Leite:

- 252 Dirceu hhh eu sou amigo de [cuba mesmo  
253 Paulo [°pois é, então:°  
254 Marília [[O:: ZÉ  
255 Dirceu [[isso não quer dizer que eu concorde com tudo que acontece em  
256 cuba=  
257 Marília =O:: ZÉ!=  
258 Dirceu =até porque eu tenho uma história, né?=  
259 Marília → =você é lobista hoje! é isso?  
260 Dirceu → não. não sou.  
261 Marília → você, você faz business.  
262 Dirceu → °não°. não faço. faço consultor. sou advogado.  
263 porque que os outros ↑ consultores não são lobistas e eu sou?  
264 Marília [[não! tá bom  
265 Dirceu [[diz pra mim [°isso°]  
266 Marília [ não ] porque é-  
267 Dirceu não. é uma [coisa]  
268 Marília → [não é] uma profissão? existe uma profissão=  
269 Dirceu → =não! no brasil- lobista tem um caráter, de tráfico de influências.  
270 Marília bom-  
271 Dirceu → tem um caráter pejorativo e quase criminoso.  
272 → eu sou advogado e consultor!  
273 Paulo tá. >eu justamente queria perguntar isso< (0,2)  
274 >dirceu<, eu conheço gente que se emocionava ao sair de casa,  
275 em 68 pra ver você fazer discurso no cento de são paulo. bombas  
276 >etc etc< muita gente que ficou feliz quando você voltou:  
277 muita gente que teve identificação com você da sua luta política  
278 >dessas suas ideias e tudo< ,  
279 hoje essas pessoas, perguntam assim,  
280 como é que o zé dirceu ganha a vida?  
281 Dirceu trabalhando. igual [você ganha]  
282 Paulo [aí fica uma] coisa com[ plica::da ]  
283 Dirceu [não! igual] você ganha  
284 Paulo [[não. eu ganho  
285 Dirceu [[igualzinho  
286 Paulo todo mundo sabe onde eu traba::lho=  
287 Dirceu =e todo mundo sabe onde eu tra [balho ]  
288 Paulo [não não]  
289 quais são os seus- as pessoas não sabem quais os seus clientes.  
290 Dirceu [[não, o:: paulo moreira leite!  
291 Paulo [[as pessoas não sabem  
292 Dirceu o:: paulo moreira leite!  
293 Paulo exatamente.  
294 Dirceu você pergunta pros outros consultores quais são os clientes  
deles?  
295 Paulo não. Aí é que tá! você não é um consultor. você tem uma

- 296 biografia e- de repente, a sua biografia, ela tá in- tá diferente.  
 297 ela tá es [tranha]  
 298 Dirceu [não tá ] nada de diferente! eu sou advogado e consultor.  
 299 Marília mas você é um consultor privilegiado! você tem=  
 300 Dirceu =quer dizer que eu não posso trabalhar pra  
 301 levar [investimentos brasileiros ]  
 302 Paulo [claro que po::de trabalhar]  
 303 Dirceu pro exterior pro peru pra [colômbia]  
 304 Paulo [claro que] po::de  
 305 Dirceu pra europa eu não posso trazer investimentos pro brasil?  
 306 Paulo o que as pessoas querem saber como um homem público=  
 307 Dirceu =como um homem público me CASSARAM me tiraram do  
 308 governo  
 queriam me [banir de dentro do país]  
 309 Marília [mas você ainda influi::]  
 310 mas você ainda é um homem influente nesse partido e neste  
poder  
 311 Dirceu eu sou influente? não tenho nenhuma [incompatibilidade com]  
 312 Marília → [então como você pode]  
 313 → fazer [ lobby tendo essa influência? ]  
 314 Dirceu → [eu não faço lobby! você que tá] dizendo que eu faço  
 315 → [ eu não faço lobby ]  
 316 Marília → [OH MEU DEUS ], faz o QUE então?  
 317 Dirceu → faço consultoria!

No excerto acima, Marília Gabriela atribui a José Dirceu a função de lobista na linha 259, enfatizando-a na linha 261. No entanto tal atributo é negado por José Dirceu, uma vez que ele não o reivindica por considerá-lo como tendo “um caráter de tráfico de influências” – linha 269 – e “pejorativo e quase criminoso” – linha 271 –, ou seja, é um atributo que possui um julgamento avaliativo de valor negativo, portanto não sendo legitimado pelo entrevistado. Essa negação do atributo dado gera os outros embates na sequência de turnos em relação à ocupação do ex-ministro: consultor ou lobista? José Dirceu reivindica face neste excerto, através do atributo de consultor, que negocia investimentos no Brasil – linhas 301 e 305 –, sendo um atributo de valor positivo, enquanto nega a função de lobista – linhas 312 a 317 – que lhe ameaça à face, pois em sua avaliação, é um atributo de valor negativo.

A proposta de Spencer-Oatey para a conceptualização de face tem base nas teorias sobre a identidade na psicologia social. Estas teorias defendem que a identidade não só incorpora representações individuais do self, mas também representações relacionais e coletivas.

Segundo Brewer e Gardner (1996), os três níveis de representação do self – individual, interpessoal e de grupo – devem ser distinguidos ao se abordar a identidade. No nível individual há o *self pessoal* que representa o diferenciado e individualizado conceito do self. No nível de grupo, há um *self coletivo* que representa o conceito de self derivado do que é significativo para os membros do grupo. Já no nível interpessoal, há o *self relacional*, que representa o conceito do self derivado das conexões e relações de papéis relevantes para os outros.

Os níveis de representação do self de grupo e interpessoal são distinções, segundo



Brewer e Gardner (1996), de um self social que reflete a assimilação com os outros ou com os grupos relevantes ao self pessoal, criando identidades coletivas, no nível do grupo, e identidades interpessoais. Ambas identidades diferem em termos de suas conexões sociais, se estas são laços de ligação personalizados – identidade interpessoal – ou impessoais: identidade coletiva. Os laços de ligação impessoais são derivados da identificação comum com algum grupo simbólico ou alguma categoria social, contudo, sem requerer relações pessoais entre os membros do grupo. Já os laços personalizados derivam de relações diádicas íntimas, mas também das relações face-a-face de grupos pequenos que são essencialmente redes de tais relações diádicas.

A identidade social, então, implica um sentido despersonalizado do self; “implica uma mudança em direção à percepção do self como um exemplar intercambiável de alguma categoria social, fora da percepção do self como uma única pessoa” (TURNER et. al, 1987, p.50). A ideia desse self socialmente expandido vai além das conexões relacionais entre o self e o outro. Significa para Brewer e Gardner (1996) que as fronteiras do self são redesenhadas, e seu conteúdo é focado naquelas características que fazem de uma pessoa um bom representante de grupo ou de uma relação. Quando as identidades coletivas são ativadas (BREWER, 1991), os aspectos mais relevantes do conceito do self se tornam aqueles que são partilhados com os outros membros do grupo. Similarmente, nas relações interpessoais, as características do self, sejam cognitivas e/ou motivacionais, são ativadas operacionalmente na inclusão do outro, envolvendo uma indefinição dessas fronteiras entre o self e o outro.

Esses processos de categorização afetivos e cognitivos que envolvem a identidade social – de grupo e interpessoal – foram também relevantes na teoria de Simon (2004). No entanto, o autor abrange também o nível individual do self, considerando esses três níveis de representação do self de natureza cognitiva e social. Segundo o autor, as pessoas formam representações cognitivas de quem são e constroem/negociam suas identidades através da interação social. Elas não só apresentam elementos de seus selves pessoais, interpessoais e coletivos, através do processo interacional, como também os negociam/constroem com as outras identidades que se desenvolvem e emergem no contato com o outro.

Tanto a teoria de Simon (2004) quanto a de Brewer e Gardner (1996) dão suporte a Spencer-Oatey (2007, 2009) em sua definição de face. A autora, contudo, também recorre a Schlenker e Pontari (2000) em sua teoria do *gerenciamento de impressão* e da *apresentação do self*. Enquanto esta última é um termo que se refere ao controle de informação sobre o self, o gerenciamento de impressão é definido como a atividade meta-direcionada de controle de informação sobre o outro. Segundo os autores, as pessoas tentam controlar informação sobre elas próprias, amigos, inimigos, ideais e eventos, como as atividades em que estão engajadas.

Essa atividade meta-direcionada de controle de informação do self e do outro, segundo Schlenker e Pontari (2000), é relevante em toda interação social e não só naquelas situações em que há um alto processo avaliativo em jogo, como as entrevistas de emprego, por exemplo. Esse controle de informação perpassa o aspecto motivacional que Brewer e Gardner (1996) relacionam como um dos aspectos do self. Para estes

autores os motivos derivados do interesse do self pessoal são diferentes dos derivados da preocupação com o interesse dos outros (MCCLINTOCK, 1972). As relações interdependentes, por exemplo, como enfatizam Markus e Kitayama (1991) e Baumeister e Leary (1995), são caracterizadas por preocupações mútuas com os interesses e resultados dos outros. Bateson (1994) definiu esta preocupação como a base da motivação altruísta, que segundo ele não deve ser confundida com o sacrifício do self, que lhe causa custos, mas com a motivação de beneficiar o outro.

Brewer (1991) defende que “quando a definição do self muda, o significado da motivação do interesse do self e do atendimento do self também mudam na mesma proporção” (BREWER, 1991, p.476). Isto é, a motivação social, de acordo com Brewer e Gardner (1996), é outra importante transformação associada a diferentes níveis de construção do self que envolve uma mudança nas metas básicas da interação social.

Essa motivação social determina cada nível de categorização do self. No nível do self pessoal, os indivíduos procuram similaridade com os outros, mas ao mesmo tempo lutam por um sentido de singularidade. O self relacional frequentemente é caracterizado em termos da tensão entre separação e intimidade com os outros. Já as identidades coletivas são restringidas pela necessidade de satisfazer necessidades individuais de inclusão e de diferenciação.

Em cada nível de representação do self, essas forças opostas de assimilação e diferenciação criam um equilíbrio dinâmico que flutua com as mudanças na distância entre o self e os outros. Para Brewer e Gardner (1996), uma explicação dinâmica similar pode explicar a mudança entre níveis de categorização do self. Quando necessidades de intimidade no nível interpessoal não são atendidas, identidades coletivas podem se tornar mais importantes; períodos prolongados de imersão em um coletivo despersonalizado podem aumentar a importância de reconhecimento do self pessoal, individualizado, e assim por diante.

Essa conceptualização de identidade social e pessoal nas representações do self interacional é relevante para a definição de face de Spencer-Oatey (2007, 2009):

Face é um fenômeno complexo que precisa ser estudado a partir de múltiplas perspectivas. Teorias da identidade sugerem que a face tem um número de características que precisam ser mantidas em uma balança dialética:

- face é um fenômeno multi-facetado, mas pode também ser um conceito unitário
  - face tem fundações cognitivas e é também socialmente constituída na interação
  - face ‘pertence’ ao indivíduo e ao coletivo, e também se aplica às relações interpessoais.
- (SPENCER-OATEY, 2007, p.654)

É esta perspectiva dialética da definição de face de Spencer-Oatey (op.cit.) que considero relevante aos estudos interacionais sobre o conceito. Considero que analisar a face é considerar as expectativas/motivações e valores que os interagentes carregam em suas apresentações do self e negociam com as outras representações trazidas pelos outros participantes no processo interacional em curso. Essas representações podem operar no primeiro ou no segundo plano, ou seja, à vista de todos na interação ou no plano de fundo das interações dos interagentes, porém nunca estarão ausentes neste

processo.

## Referências

ARUNDALE, Robert. B. Face as relational and interactional: alternative bases for research on face, facework, and politeness. Paper presented at the **9th International Pragmatics Association Conference**, Riva del Garda, Italy, 10–15 July, 2005.

BATESON, C. D. Why act for the public good? Four answers. **Personality and Social Psychology Bulletin**. **20**, 603–610, 1994.

BAUMEISTER, R. F.; LEARY, M. R. The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. **Psychological Bulletin**. **117**, 497–529, 1995.

BOUSFIELD, Derek. Face within a model of im/politeness. In.: \_\_\_\_\_. **Impoliteness in Interaction**. Cap.3, p. 33-42, vol. 167. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/ Philadelphia, 2008.

BREWER, Marilyn, B. The social self: on being the same and different at the same time. **Personality and Social Psychology Bulletin**. **17**, 475–482, 1991.

\_\_\_\_\_.; GARDNER, Wendi. Who is this “we”? Levels of collective identity and self representations. **Journal of Personality and Social Psychology**. **71** (1), 83–93, 1996.

BROWM, Penélope; LEVINSON, Stephen. **Politeness some universal in language usage**. Cambridge, Cambridge University Press, [1978] 1987.

GOFFMAN, Erving. **Interactional ritual: Essays on face-to-face interaction**. Garden City, NY: Doubleday, 1967.

\_\_\_\_\_. A Elaboração da Face: Uma Análise dos Elementos Rituais da Interação Social. In.: FIGUEIRA, S. (org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves [on Face-work: An analysis of ritual elements in social interaction. *Psychiatry*, 18, 213-231, 1955], 1980.

HU, H. C. The Chinese Concepts of “Face”. **American Anthropologist**. New Series, vol. 46, N° 1, part 1, p. 45-64, 1944.

KEDT, E. The concept of face and its applicability to the Zulu language. **Journal of Pragmatics**. **29**: 173-191, 1998.

LIM, Tae-Sop. Facework and interpersonal relationships. In: Ting-Toomey, S. (Ed.). **The Challenge of Facework**. State University of New York Press, New York, p. 209–229, 1994.

LOCHER, Miriam. **Power and Politeness in Action Disagreements in Oral Communication**. Mouton de Gruyter, Berlin, Nova York, 2004.

MARKUS, H.; KITAYAMA, S. Culture and the self: Implications for cognition, emotion, and motivation. **Psychological Review**. **98**, 224–253, 1991.

McCLINTOCK, C. G. Social motives: A set of propositions. **Behavioral Science**. **17**, 438–454, 1972.

O'DRISCOLL, Jim. About face: a defense and elaboration of universal dualism. **Journal of Pragmatics**. **25** (1), 1-32, 1996.

SCHLENKER, Barry; PONTARI, Beth. The strategic control of information: impression management and self-presentation in daily life. In: TESSER, A., FELSON, R.B., SULS, J.M. (eds.). **Psychological Perspectives on Self and Identity**. American Psychological Association, Washington, pp. 199–232, 2000.

SIMON, Bernd. **Identity in Modern Society**. A Social Psychological Perspective. Blackwell, Oxford, 2004.

SPENCER-OATEY, Helen. Theories of identity and the analysis of face. **Journal of Pragmatics** **39**. p.639-656, 2007.

\_\_\_\_\_. Face, identity and interactional goals. In.: BARGIELA-CHIAPPINI, Francesca; HAUGH, Michael. **Face, Communication and Social Interaction**. London, Oakville:Equinox, p.137-154, 2009.

TERKOURAFI, Marina. Toward a unified theory of politeness, impoliteness, and rudeness. In.: BOUSFIELD, Derek; LOCHER, Miriam (eds.). **Impoliteness in Language**. Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice. Cap. 3, 45-74, Mouton de Gruyter, 2008.

TURNER, J. C.; HOGG, M.; OAKES, P.; REICHER, S.; WETHERELL, M.  
**Rediscovering the social group: A self-categorization theory.** Oxford, England: Basil Blackwell, 1987.

## Anexos

### Convenções de Transcrição

...	pausa não medida
(0.5)	pausa em décimos de segundo, medida relativamente ao ritmo prosódico do segmento no qual se encontra inserida.
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas (engatamento)
<u>palavra</u>	ênfase (parte da sílaba e/ou palavra)
MAIÚSCULA	ênfase mais forte ou fala em voz alta
!	tom animado, não necessariamente exclamativo.
°palavra°	fala em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	alongamentos
[	início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
[ ]	colchete abrindo e fechando o ponto da sobreposição, com marcação nos segmentos sobrepostos - sobreposições localizadas
[[	colchetes duplos no início do turno simultâneo (quando dois falantes iniciam o mesmo turno juntos)
( )	fala não compreendida
(palavra)	fala duvidosa
(( ))	comentário do analista: descrição de atividade não verbal (riso, tosse, atitude, expressão face, gestos, ruídos do meio ambiente, dentre outros)
“palavra”	fala relatada
↑	subida de entonação (mudança de entonação)
↓	descida de entonação (mudança de entonação)
hh	aspiração (em parêntesis qdo no meio de palavra)
.hh	inspiração (em parêntesis qdo no meio de palavra)
hhh	riso (em parêntesis qdo no meio de palavra)

